

Comunicação e educação: interface como lugar de saber

Ao propor o tema Comunicação e Educação: interface como lugar de saber, consideramos que, de um lado, é necessário reconhecer que vivemos numa sociedade em que o conhecimento e a informação têm papéis fundamentais nos processos de desenvolvimento econômico e democratização política e social e, de outro, que é preciso também entender que a instituição escolar não é mais o único lugar de legitimação do saber, pois os saberes circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Assim sendo, estamos diante de desafios que a comunicação apresenta ao sistema educacional.

Deste modo, convidamos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento a apresentar resultados de pesquisas que, em alguma medida, tratam desses desafios, que identifiquem assim, ao menos, dois caminhos da interface comunicação/educação: 1. Educar para os meios, o que envolve o uso crítico e criativo dos meios audiovisuais e das tecnologias informáticas no ambiente escolar e 2. Identificar essa interface como outro lugar do saber, pois os meios propõem valores, operaram na construção de modos de ver, perceber, sentir, conhecer, a ponto de contribuir para a reorientação de práticas e para a reconfiguração de padrões de sociabilidade.

As produções que compõem este número da Revista de Estudos Universitários – REU – levam o leitor pelos dois caminhos que apontamos.

Iniciamos com o artigo O cinema como vivência dos direitos humanos na escola, por Gabriela Machado Ramos de Almeida e Ana Maria Acker, que descreve a experiência do desenvolvimento do projeto de extensão Cine Diversidade, da Universidade Luterana do Brasil, envolvendo estudantes do Curso de Jornalismo e estudantes de escolas públicas do município de Canoas/RS. A contribuição das autoras, no sentido de tratar dos desafios da interface comunicação/educação, está não só pela execução do projeto mencionado, mas por considerar o potencial das imagens cinematográficas para a construção de novos olhares, por parte dos

envolvidos, para a comunidade, olhares esses que podem levá-los a atuar crítica e criativamente, principalmente no que se refere à questão da alteridade.

O artigo de Andrea Sanhudo Torres e Pedro L. Goergen, Agência experimental e produção de conhecimento em Jornalismo, trata da importância da construção de “espaço laboratorial para práticas jornalísticas e de ações cooperadas que envolvem teoria-técnica-prática, essenciais à apreensão do conhecimento com base na formação humanista”, para a formação de futuro profissional de Jornalismo. Os autores relatam as experiências da Agência Experimental de Jornalismo (AgênciaJor), do Curso de Jornalismo, da Universidade de Sorocaba (Uniso).

A formação em jornalismo também é contemplada em artigo de Lilian Saback de Sá Moraes, As novas diretrizes curriculares para os cursos de jornalismo e o possível fortalecimento da ética profissional. As reflexões envolvem dados coletados por meio de entrevistas com estudantes de jornalismo de duas instituições - PUC/Minas e PUC/Goiânia. Assim, questões sobre o jornalismo, ensino de jornalismo, ética e diretrizes curriculares para os cursos que tratam da formação de jornalistas constituem um tecido interessante neste artigo.

Ao refletir sobre a formação em Comunicação, de modo geral, Mei Hua Soares, em A Literatura e a Formação em Comunicação no contexto da Cultura Digital, argumenta sobre a importância da leitura literária na formação de comunicadores. Enfatiza a autora que se trata de um assunto polêmico, uma vez que, via de regra, privilegia-se a formação voltada à profissionalização no contexto da cultura digital.

Ainda no contexto da cultura digital, em artigo sob o título Competência midiática e cidadania digital: reflexões teórico-metodológicas, Lyana Thédiga de Miranda e Luiza Monica Assis da Silva discutem sobre o desenvolvimento da competência midiática, enquanto promotora da cidadania digital, assunto que está na seara mídia/educação. As autoras destacam a “necessidade de identificar e definir as formas de fomento e mobilização da competência midiática de pessoas que atuam no âmbito da comunicação organizacional comunitária, considerando-o um contexto informal de aprendizagens”.

Ampliando os espaços do saber, para além das fronteiras da escola, está também a proposta de Luciano Victor Barros Maluly, O radiojornalismo como ferramenta de divulgação científica. Neste artigo, o autor aborda a produção de programas radiojornalísticos, que tem

como objetivo divulgar e propiciar a compreensão, por parte do público distinto do acadêmico, de resultados de pesquisas, especialmente as da comunicação.

O artigo de Monica Franchi Carniello e Hugo Análio da Mota, intitulado Educomunicação: um estudo da prática nas salas de aula, como esclarece o título, trata desse campo emergente realizando-se no ambiente escolar. As autoras, cientes de que a escola deve propiciar o letramento midiático para os jovens e que as práticas pedagógicas propostas pela Educomunicação contribuem para a realização dessa tarefa, buscam dados, por meio de entrevistas, com professores do Ensino Fundamental II, que lecionam no município de Taubaté/SP, para verificar os seus conhecimentos no tocante a esses assuntos. Em Comunicação e Educação: fenômeno comunicacional, Eliany Salvatierra Machado, trata da Educomunicação no contexto da Nova Teoria da Comunicação, proposta por Ciro Marcondes Filho. Com isso, a autora enfatiza que “abrir espaço para que o diálogo aconteça seria o desafio e o pressuposto da Educomunicação”.

O processo de midiaticização da educação próprio da Educação a Distância (EaD) é tratado por Eric de Carvalho, em A educação em fluxo ou a morte do tempo do ócio. As reflexões são permeadas por depoimentos de entrevistados, que são usuários dessa modalidade de acesso a conteúdo de ensino.

Outra contribuição para esse número da Revista de Estudos Universitários é a entrevista com Ismar de Oliveira Soares, Educomunicação, uma prática social, realizada por Mara Rovida, que apresenta reflexões sobre a interface comunicação/educação e, conseqüentemente, delinea o percurso do emergente campo da Educomunicação que, em certa medida, traduz os caminhos desse pesquisador, que é reconhecido nacional e internacionalmente.

Há também os resumos expandidos de duas dissertações. Uma delas de Paula Rafael Gonzalez Valelongo, sob o título O acesso à educação superior no discurso da mídia: o sistema de cotas, apresenta resultados de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Uniso, sob a orientação de Pedro L. Goergen. A pesquisa em questão estuda o sistema de cotas para o ensino superior, tomando artigos de opinião e editais da Folha de S.Paulo, considerando-se a mídia como reprodutora e potencializadora de discursos.

Outra, sob o título Comunicação na Educação: o potencial do diagrama para formatos de conteúdo em processos formais de ensino, de Henri Marcos Esgalha Castelli, é fruto de pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Uniso, sob

a orientação de Maria Ogécia Drigo. Nessa pesquisa, inseriu-se outro elemento na interface comunicação/educação, a linguagem. Sendo assim, o novo formato para conteúdo de ensino foi proposto considerando-se a disciplina escolar como linguagem, bem como nele acoplou-se também diversas mídias.

Por fim, a resenha de autoria de Elisangela Rodrigues da Costa, para a obra Comunicação e Educação: Os desafios da aceleração social do tempo, organizada por Adilson Citelli e publicada, em 2017, pela Editora Paulinas, que integra a Coleção Educomunicação.

Agradecemos a todos os autores, pareceristas, demais integrantes da Comissão Editorial – Mara Rovida Martini, Vilma Franzoni e Silmara Pereira da Silva -, e outros colaboradores sem os quais, eu agora como editora, não poderia convidar você leitor para acessar e apreciar as produções que compõem esse número.

Maria Ogécia Drigo